

**MENINO DE ENGENHO, DE JOSÉ LINS DO REGO:
UM ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO**

Célio Luiz Ferreira Fontoura (UERJ)

celiofontoura@yahoo.com.br

Fátima Cristina Dias Rocha (UERJ)

fanalu@terra.com.br

Todos os retratos que tenho de minha mãe não dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela. (...) A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir. (José Lins do Rego)

O presente trabalho exhibe os resultados da primeira fase da pesquisa intitulada “Entre a ficção e a autobiografia: encenações do *eu* nas escritas híbridas”, sob a orientação da professora Fátima Cristina Dias Rocha, que propõe um estudo crítico de textos literários brasileiros caracterizados pela hibridização dos discursos autobiográfico e ficcional. Tal proposta busca identificar as estratégias de hibridização empregadas nesses textos, os quais percorrem a literatura brasileira desde o século XIX, ampliando sua frequência na contemporaneidade. Considerando-os como “romances autobiográficos” – a partir das conceituações de Philippe Lejeune e Philippe Gasparini –, a pesquisa privilegia alguns textos híbridos do Modernismo brasileiro, objetivando investigar, além dos recursos de hibridização e ambiguidade que os caracterizam, as estratégias de autor-representação do autor neles encenadas, em sua relação com a vida intelectual e sócio-política brasileira.

Elegemos para esta apresentação o texto resultante da análise comparativa entre o romance *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, e a autobiografia – do mesmo autor – *Meus verdes anos* (1956).

Menino de Engenho (1932), de José Lins do Rego, incorpora traços memorialistas. Sua leitura, segundo os conceitos propostos por Philippe Gasparini, admite “dupla recepção”:

O romance autobiográfico define-se por sua política ambígua de identificação do personagem com o autor: o texto os confunde e sustenta a verossimilhança desse paralelo, porém distribui igualmente vários índices de ficcionalidade (GASPARINI, 2004, p. 14).

Diz ainda Gasparini que, para que um leitor atribua uma dimensão autobiográfica a um romance, é preciso dispor de elementos situados não somente no texto e no peritexto, mas em informações contidas no epitexto. Se *Menino de Engenho* apresenta traços memorialistas, é possível percebê-los com a leitura de *Meus Verdes Anos* (um epitexto), autobiografia escrita vinte e quatro anos mais tarde por Lins do Rego, já sem a moldura romanesca.

Nosso referencial teórico para o estudo da autobiografia é norteador pelo conceito de “pacto autobiográfico” proposto por Philippe Lejeune (2008). O teórico postula que uma obra é autobiográfica quando existe identidade de nome entre autor, narrador e personagem, termo designado por “identidade onomástica”. Logo, segundo a definição de Lejeune, *Meus Verdes Anos* seria uma obra autobiográfica. No entanto, é possível que um romance se aproprie de elementos da “retórica da autobiografia”, como o uso da narrativa em primeira pessoa e a retrospectiva da vida do narrador, sem que seja firmado o “pacto autobiográfico”. Diz Lejeune: “O leitor é assim convidado a ler os romances não apenas como ‘ficções’ remetendo a uma verdade da natureza humana, mas também como ‘fantasmas’ reveladores de um indivíduo” (LEJEUNE, 2009, p. 43).

Essa forma indireta de pacto autobiográfico, classificada por Lejeune como “pacto fantasmático”, inscreve *Menino de Engenho* na categoria de “romance autobiográfico”, distinta da autobiografia e da ficção.

Menino de Engenho, além dos “índices de ficcionalidade”, exhibe alguns “operadores de identificação” (GASPARINI, 2004, p. 25) que assemelham o narrador-personagem ao autor empírico José Lins do Rego, destacando-se: a primeira lembrança, os lugares da infância, o “romance familiar”, a cena de leitura, os “destemperos do sexo” e o sofrimento causado pela asma. Tais “operadores de identificação” estão presentes tanto em *Menino de Engenho* quanto em *Meus Verdes Anos*, fato que dá relevo ao pensamento de Gasparini, e permite ao leitor assemelhar o protagonista Carlos Melo a Dedé (apelido de infância de José Lins do Rego), narrador-personagem da autobiografia de Lins do Rego.

Em nossa análise de *Menino de Engenho* como um romance autobiográfico, observamos três eixos que movimentam a vida de Carlinhos no engenho e sustentam toda a narrativa: a morte da mãe, os suplícios causados pela asma e os tormentos do sexo – todos apontados pelo próprio Lins do Rego no prefácio de *Meus Verdes Anos*.

Em *Menino de Engenho* e em *Meus Verdes Anos*, os protagonistas Carlinhos e Dedé, respectivamente, sofrem agruras com a perda da mãe. É a tragédia de sua morte que abre e norteia os dois textos; porém, por caminhos diferentes. No “romance autobiográfico”, a mãe é assassinada pelo pai de Carlinhos, em sua casa; em *Meus Verdes Anos*, a mãe morre no engenho, de complicações pós-parto.

A morte da mãe leva Carlinhos a outro mundo, o engenho Santa Rosa. Na viagem ao novo lar, o menino se encanta com as novidades: a viagem de trem com tio Juca; a primeira montaria; os domínios do avô José Paulino; os primos; os moleques e o banho de rio.

Imerso nesse ambiente idílico, Carlos contempla um universo até então desconhecido e passa a descrevê-lo de forma poética. Mesmo o sofrimento dos escravos, submetidos à arbitrariedade do avô, não o desencanta; afinal, era tudo natural e belo. Em *Meus Verdes Anos*, as descrições são mais detalhadas, embora mais sucintas, e menos poetizadas; é o próprio autor quem afirma no prefácio da autobiografia: “Pus nessa narração o menos possível de palavras para que tudo corresse sem os disfarces retóricos. E assim não recorri às imagens poéticas para cobrir uma realidade, às vezes brutal” (REGO, 1997, p. 3).

Com efeito, em *Menino de Engenho* algumas tragédias são suavizadas pela beleza da narrativa. A enchente do Rio Paraíba (que ocupa todo o capítulo 13), por exemplo, ao invés de chocar, pode encantar o leitor: “Era um mar d’água roncando. O meu avô, com aquele seu capote de lã, comandava o pessoal como um capitão de navio em tempestade” (REGO, 1983, p. 20).

Em *Meus Verdes Anos*, a enchente não é tão destacada, mas seus efeitos são mais chocantes, conforme se observa no seguinte trecho: “Com o rio cheio, vi uma vez um dos Targinos atravessá-lo com um tabuleiro na cabeça. Era um filho morto que vinha para o cemitério do Pilar. Corri para não vê-lo” (REGO, 1997, p. 25).

A perda é uma constante nas duas obras; o casamento da tia Maria fere dolorosamente Carlinhos, assim como a Dedé (nas memórias), que ainda padece com o casamento da tia Naninha (não incluída no romance autobiográfico). Em *Menino de Engenho*, a perda de tia Maria (segunda mãe) une-se à morte do carneirinho Jasmim, sacrificado para servir de banquete numa festa.

A perda tem ainda outro significado: os suplícios da asma privam o menino da liberdade, pois o deixam sem fôlego para acompanhar os negrinhos da fazenda e os primos em aventuras pelo engenho Santa Rosa. Em *Menino de Engenho*, José Lins do Rego condensa a narrativa da doença em um único capítulo (29), ao passo que, em *Meus Verdes Anos*, os ataques de “puxado” acontecem em momentos distintos e têm como gatilho algum fato marcante. A primeira crise, por exemplo, acontece após o menino presenciar uma encenação religiosa extremamente dramática; outro ataque tem início após acertar, por engano, a cabeça da negra Generosa com um pedaço de pau.

Carlinhos também sofre com os “tormentos do sexo”. As aulas práticas no curral, a iniciação precoce com a negra Luzia (que o “arrastava a coisas ignóbeis”), o desejo por Zefa Cajá (com quem queria “fazer coisa ruim”) inscrevem um terrível conflito existencial na vida do menino: o confronto entre o prazer e os valores morais.

Olhava muito para um São Luiz Gonzaga que a minha Tia Maria deixara na parede do quarto. Tinha vergonha dos meus pecados na frente do santo rapaz. Arrependia-me sinceramente daquelas minhas lubricidades de pequena besta assanhada. E no outro dia (...) voltavam-me outra vez os pensamentos do diabo (REGO, 1997, p. 82).

A autobiografia apresenta mais detalhes acerca das experiências sexuais de Dedé, além de revelar maior número de parceiras (seis), condensadas em duas no romance autobiográfico. No romance, o sexo é disfarçado pela máscara poética, mas mantém a verossimilhança, pois o autor procura ser fiel à experiência que poderia ser vivenciada por qualquer menino de engenho, tornando-a, assim, genérica, como ele próprio declara: “Comecei apenas querendo escrever memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos” (REGO, 1997, p. 22).

O leitor que comparar as obras citadas certamente vai identificar diferenças entre narrativas e estilos. Embora *Menino de Engenho* obedeça a uma sequência cronológica, há certa “autonomia” entre os seus quarenta capítulos. Segundo José Maurício Gomes de Almeida (1980: 195), José Lins do Rego faz uso da chamada técnica de painel, configurando cada capítulo de modo a representar a pintura de um determinado momento selecionado em um microcosmo particular: o engenho. No entanto, tal “independência” não autoriza a leitura não sequencial do livro, pois isso distorceria a compreensão da história. Já o memorialista invoca o fluxo contínuo de suas lembranças, utilizando a estratégia de evocar

tais lembranças como se elas brotassem espontaneamente: “Fiz livro de memória, com a matéria retida pela engrenagem que a natureza me deu” (REGO, 1997, p. 22). Esse “fluxo” ao qual o autor se refere pode ser percebido no primeiro capítulo de *Meus Verdes Anos*, em que, para evocar a “primeira lembrança”, o narrador se serve de fragmentos do que lhe contaram ou da própria memória sensorial. Observando a sequência dos acontecimentos, mas dando saltos no tempo e no espaço, Lins do Rego escreve de modo a provocar o efeito de que não estaria muito preocupado com a organização do texto, conforme observamos no seguinte fragmento da autobiografia: “Tanto me contaram a história que ela se transformou na minha primeira recordação da infância. (...) – Maria, deixa ele engatinhar para eu ver” (REGO, 1997, p. 5).

É possível supor que tal recordação provém do que foi contado ao autor, e não da experiência de uma criança que ainda engatinha. Logo depois o narrador registra: “Aí tudo parou. O mundo da infância penetra em névoas espessas até que outra vez me sinto deitado na cama com o primo Gilberto” (REGO, 1997, p. 5).

Agora, temos pistas para crer numa experiência vivida pelo autor em outro tempo e em outro lugar: o engenho.

Outra situação registrada em *Meus Verdes Anos*, diferente na narrativa de *Menino de Engenho*, é a experiência relativa ao aprendizado das primeiras letras. Nas memórias, o menino José (Dedé) sente-se extremamente traumatizado com a alfabetização; após passar pelas mãos de vários mestres, sem nenhum progresso, sente na pele o estigma da burrice, finalmente quebrado por Sinhá gorda, que conseguiu “desasná-lo”.

Em *Menino de Engenho*, a alfabetização é contada de forma transfigurada em relação à autobiografia. O martírio é substituído pelo prazer de estudar na escola do Dr. Figueiredo, esposo da “bela Judite”, por quem Carlinhos nutria “estranha afeição”.

Pode-se perceber que a comparação entre as duas obras remete a questões de ordem psicológica que escapam ao nosso propósito. No entanto, ilustramos essa afirmativa com um fragmento de Nancy Maria Mendes, que aponta algumas motivações psíquicas no cotejo entre *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*.

A reconstrução ficcional da mulher do mestre, figura de mãe em relação edípica, lembra muito a que liga Sérgio à mulher de Aristarco em *O Ateneu* de Raul Pompéia, romance evocado no final de *ME*. Carlos, porém, àquela altura não tem a mesma malícia de Sérgio, sendo capaz apenas de perceber que

sente por aquela mulher algo diferente do que lhe inspira a tia Maria. A elaboração ficcional de J. L. do Rego, portanto, revela certas formas compensatórias de carências e traumas revelados depois em suas memórias (MENDES, 1988, p. 129).

Nossas reflexões não poderiam se furtar às considerações de Silviano Santiago referentes à tendência memorialista visível em alguns romances modernistas brasileiros, dentre os quais três obras constituem o *corpus* da pesquisa em andamento: *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego; *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade; *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Vale destacar que os traços memorialistas presentes nessas obras – e, conseqüentemente, a hibridização que as caracteriza – são confirmados pela leitura das autobiografias dos seus autores, conforme aponta Silviano Santiago:

Nos nossos melhores romancistas do Modernismo, o texto da lembrança alimenta o texto da ficção, a memória afetiva da infância e da adolescência sustenta o fingimento literário, indicando a importância que a narrativa da vida do escritor, de seus familiares e concidadãos, tem no processo de compreensão das transformações sofridas pela classe dominante no Brasil (...). Tal importância advém do fato de que é ele – o escritor ou o intelectual, no sentido amplo – parte constitutiva desse poder, na medida em que seu ser está enraizado em uma das ‘grandes famílias’ brasileiras (SANTIAGO, 1982, p. 31).

Também Antonio Candido (*Apud* SANTIAGO, 1982, p. 34) já havia assinalado que, ao falar de si, o romancista/autobiógrafo fala dos que participaram de certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular que se quer evocar. Assim, o testemunho pessoal torna-se registro da experiência de toda uma geração. Portanto, o estudo das narrativas híbridas em questão – com destaque, nesta etapa da pesquisa, para *Menino de Engenho* – permite avaliar a vitalidade desse hibridismo, por meio do qual o autor “ensaia” a autorrepresentação que deixará evidente na futura autobiografia, assim como esboça uma série de reflexões sobre a vida intelectual e sócio-política brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BUENO, Luiz. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.

GASPARINI, Philippe. *Est-il je?* Roman autobiographique et autofiction. Paris: Seuil, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria Gerhein Noronha. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MENDES, Nancy Maria. José Lins do Rego: marcas e pontos. In: ALMEIDA, Ana Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *O eixo e a roda: Revista de literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, julho 1988, p. 121-135.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: A escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

_____. *Meus verdes anos*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.